

COVID-19 NAS FAVELAS: DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS E AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Thais da Silva Matos¹

Universidade Federal Fluminense

thaismatos092@gmail.com

RESUMO:

O objetivo do artigo é mostrar a gravidade do avanço da COVID-19 nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, a partir das suas características socioespaciais desiguais. Abordaremos como a pandemia intensificou problemas urbanos pré-existentes e as novas formas de organização que os agentes das comunidades têm elaborado para evitar os efeitos devastadores da pandemia.

Palavras-chave: COVID-19; Favelas; Desigualdade socioespacial.

INTRODUÇÃO

A crise relacionada a pandemia do novo coronavírus revela, sem que possamos desviar o olhar, a face perversa da globalização, para me referir a importante contribuição de Milton Santos (2000) para compreender a complexidade do tema e as peculiaridades dessa pandemia global no século XXI. O mundo enfrenta uma ameaça biológica que se espalha muito rapidamente impondo às autoridades e a população o desafio crucial de frear a reprodução do novo coronavírus através da redução dos fluxos e do isolamento social.

Porém, o fenômeno da globalização não encerra a explicação dos impactos socioespaciais da crise que antecede e sucede a pandemia, tornando necessário trazer para o debate os problemas da urbanização e o seu papel na proliferação do novo coronavírus (SPOSITO e GUIMARÃES, 2020). Essa análise se mostra necessária, sobretudo, em locais com características socioespaciais diferenciadas, marcados pelas desigualdades sociais, como é o caso das favelas da cidade do Rio de Janeiro. É importante pontuar que a crise expõe problemas anteriores a doença COVID-19, derivados do descaso do Poder Público e da crise político-econômica em que o país atravessa há anos, tornando ainda mais precárias as condições de vida a que muitas populações vivem expostas nas comunidades. Portanto, entender a crise

¹ Graduanda em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, Rio de Janeiro.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MATOS, Thais da Silva. COVID-19 nas favelas: desigualdades socioespaciais e as formas de organização comunitária. **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 10, p. 102-108, julho de 2020.

Submissão em: 29/04/2020. Aceite em: 13/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil

provocada pela pandemia nas grandes metrópoles brasileiras requer um olhar para estruturas raciais, de gênero e classe que desenham uma realidade socioespacial desigual.

Apesar da COVID-19 ser uma doença que não faz distinções de raça, classe ou gênero, sabemos que as condições para lidar com seus efeitos dependem muito do *status* social de cada indivíduo. As desigualdades no acesso a cuidados médicos, no acesso à informação e até mesmo nas condições sanitárias básicas, revelam que os moradores de favelas e periferias, em sua grande maioria pessoas pretas e pobres, são as vidas mais afetadas pela quarentena e pelas mudanças que se anunciam. Tais mudanças não se tratam somente de questões relacionadas à saúde, pois apresentam também fortes impactos sobre o processo de precarização do trabalho e da vida de uma forma mais ampla. Dessa perspectiva, os efeitos da pandemia podem ser ainda mais devastadores, e mesmo quando o surto passar, teremos presenciado, além da morte de muitas pessoas, o agravamento das desigualdades socioespaciais, marcando mais uma vez com sofrimento a existência das populações mais vulneráveis.

Contudo, desse cenário caótico também emergem agentes que propõe articulações que demonstram, mais do que solidariedade, novas e eficientes formas de organização política dos grupos socialmente marginalizados. Neste artigo, além de pontuar as desigualdades socioespaciais como fatores de agravamento da crise relacionada a pandemia do Coronavírus nas favelas, pretendo abordar as iniciativas comunitárias que têm sido fundamentais na luta contra a política de morte desempenhada pelo Estado. O conceito de necropolítica, cunhado por Achille Mbembe (2003) descreve esse tipo de biopoder operado pelo Estado sobre os corpos, decidindo aqueles que devem viver e aqueles que podem morrer. A pandemia demonstra ostensivamente que os favelados são grande parte de uma linha de frente exposta a contaminação, tanto pela sua vulnerabilidade quanto pela sua ampla presença nos postos considerados “serviços essenciais”.

COVID-19 NAS FAVELAS

Graças a iniciativas comunitárias como a do Jornal “Voz das Comunidades” podemos estar cientes da real situação da COVID-19 nas favelas da cidade do Rio de Janeiro. A subnotificação é um problema na gestão da pandemia em todo o Brasil por conta da testagem

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MATOS, Thaís da Silva. COVID-19 nas favelas: desigualdades socioespaciais e as formas de organização comunitária. **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 10, p. 102-108, julho de 2020.

Submissão em: 29/04/2020. Aceite em: 13/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil

insuficiente, mas nas favelas o quadro se torna especialmente preocupante. Foram mais de 150 casos confirmados e 22 óbitos apenas no mês de abril, com a favela da Rocinha e a da Cidade de Deus liderando no número de casos (A VOZ DAS COMUNIDADES, 2020)². As coalizões que tem se organizado para reportar e lidar com o desenvolvimento da pandemia nessas comunidades defendem que as medidas adotadas pelas autoridades não contemplam a realidade dos moradores.

As favelas do Rio de Janeiro são resultado de um processo sistemático de segregação da população negra e pobre que tem como principal característica a ausência de políticas de desenvolvimento urbano. São espaços que sofrem há muito tempo com a desigualdade no acesso a água, falta de planejamento habitacional e de estruturas higiênico-sanitárias, fatores determinantes de exposição a um maior risco de contaminação pela COVID-19. Para Britto (2020, p. 1), "a pandemia expõe uma dívida histórica do poder público e dos prestadores dos serviços de saneamento básico com essas populações, que têm seus direitos básicos negados". Como relata a Carta Aberta de Coalizão das Periferias³ quando argumenta que, na realidade desses territórios, muitas vezes não é possível nem mesmo seguir a principal medida orientada pelas autoridades da saúde, como lavar as mãos.

Ainda sobre as condições para lidar com os efeitos do novo Coronavírus, o acesso a saúde é um aspecto importante. O Sistema Único de Saúde (SUS) talvez seja um dos principais aliados da população brasileira pobre, porém, ao abordar a questão da saúde pública no nosso país, emergem diversas questões estruturais que complexificam a situação. A concentração de hospitais nas áreas centrais da cidade, superlotação e a crise financeira que a prefeitura do Rio de Janeiro vem enfrentando já eram problemas graves que, antes da pandemia, resultavam na falta de atendimento, principalmente às populações mais pobres. Em matéria, o coletivo de jornalistas do "Favela em Pauta" afirma que, no atual cenário, as desigualdades sociais aceleram o óbito

Após a infecção, os riscos de adoecimento e morte, segundo a Organização Mundial da Saúde, são maiores para pessoas com hipertensão, diabetes, doenças do coração,

² Painel Covid-19 nas Favelas. Atualizado em 27/04/2020. Disponível em:

<<https://covid.vozdascomunidades.com.br/>>. Acessado em: 24 de abril de 2020.

³ Carta aberta da coalizão periférica. Disponível em: <<https://favelaempauta.com/coalizacao-coronanasperiferias/>>. Acessado em: 24 de abril de 2020.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MATOS, Thaís da Silva. COVID-19 nas favelas: desigualdades socioespaciais e as formas de organização comunitária. **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 10, p. 102-108, julho de 2020.

Submissão em: 29/04/2020. Aceite em: 13/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil

doença respiratória crônica e câncer. Algumas destas doenças crônicas são mais frequentes na população negra em comparação com a predominância na população branca, e com o cenário agravado pelas diferenças de classe (FAVELA EM PAUTA, 2020).

A Associação Brasileira de Medicina da Família e Comunidade (ABMFC), através do grupo de trabalho de Saúde da População Negra, entrou com um pedido junto ao Ministério da Saúde no início de abril/2020 para que sejam divulgadas informações sobre raça/etnia dos infectados, já que até o momento não foram feitos levantamentos precisos. Entretanto, podemos perceber o recorte de raça da pandemia, quando 67% da população dependente do SUS é composta por pessoas pretas ou pardas (BRASIL, 2017) demonstrando, assim, outro fator de vulnerabilidade das pessoas negras, pobres, moradoras de favela que dependem da saúde pública e estão mais sujeitas a problemas como a lotação das *UTI's*.

O primeiro óbito registrado no Rio de Janeiro é bastante emblemático para compreensão dos conflitos que se apresentam. O caso mostra, principalmente, como o isolamento social é um privilégio de raça e classe e traz mais elementos essenciais para análise desta complexa conjuntura. A vítima foi uma mulher de 63 anos que contraiu o vírus de sua patroa que, cumprindo a quarentena após viagem à Itália, manteve a empregada doméstica trabalhando⁴. Esse acontecimento revelou a herança escravocrata e o racismo estrutural tão presente na sociedade brasileira que, por sua vez, provocou uma inquietação muito grande naqueles que reconheceram a gravidade da situação. Através do manifesto “Pela vida de nossas Mães” filhas e filhos de empregadas domésticas e diaristas se organizaram na *internet*, por meio de redes sociais e plataformas digitais, para pedir medidas de proteção para essas trabalhadoras e suas famílias que são precariamente assistidas pelos direitos trabalhistas e as principais vítimas do egoísmo das classes mais altas.⁵

Para trazer mais um aspecto racial dessa crise, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), a maioria dos trabalhadores informais (modalidade que vem crescendo nos últimos anos) e dos serviços essenciais do país, são negros. Isso manifesta, durante a quarentena, a impossibilidade de compor a renda necessária à sobrevivência para

⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/19/rj-confirma-a-primeira-morte-por-coronavirus.ghtml>>. Acessado em: 23 de abril de 2020.

⁵ Pela vida de nossas Mães. Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/pela-vida-de-nossas-maes-o-manifesto-de-filhos-de-domesticas-sem-quarentena/>>. Acessado em: 24 de abril de 2020.

primeira parcela dessa população que não está trabalhando (os camelôs, por exemplo) e a maior exposição ao vírus da outra parcela que continua saindo todos os dias de casa para trabalhar. Soma-se a esse quadro a crescente demanda por serviços *delivery* através de aplicativos, empurrando um exército de pessoas que se veem sem opção de renda a se arriscar em empregos extremamente precários, sem uma efetiva segurança sanitária e sem garantias trabalhistas.

FAVELAS NA LUTA CONTRA A COVID-19

Não há dúvidas de que a pandemia da COVID-19 está provocando uma transformação social sem precedentes. Uma das características mais marcantes é o seu impacto global, que revela as desigualdades socioespaciais inerentes ao sistema capitalista como agravante da situação, principalmente nos países mais pobres. Podemos perceber essas diferenças nos recursos financeiros e tecnológicos disponíveis, na qualidade do sistema de saúde ou na eficiência de definir medidas de prevenção que cada país é capaz de adotar. No caso do Brasil, o cenário é devastador, com um claro recorte de raça e classe no acesso a meios de prevenir e tratar a doença.

Diante desse panorama e de toda a experiência de ausência que os moradores de favela vivem há décadas, emergem de dentro das próprias comunidades agentes capazes de realizar coalizões importantes. A *internet* se tornou uma ferramenta essencial para realizar articulações que procuram dar conta de necessidades que o Estado não é capaz de prover, como é o caso das campanhas de arrecadação de mantimentos e *kits* de higiene para famílias que estão impossibilitadas de compor sua renda. A grande maioria das favelas na cidade do Rio de Janeiro têm realizado suas ações através de financiamentos coletivos *online*, para que o isolamento social não seja prejudicado. De certa forma, esse momento é capaz de ativar um senso de responsabilidade social e comunitária no interior das favelas e na sociedade que vive alheia a sua existência, criando um sentimento de empatia que é fundamental para construção de uma sociedade mais justa. Torna-se muito importante que esse ímpeto não se esvaia, pois, as desigualdades não deixarão de existir com o fim da pandemia, talvez se agravem, e o combate a elas é mais que urgente.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MATOS, Thaís da Silva. COVID-19 nas favelas: desigualdades socioespaciais e as formas de organização comunitária. **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 10, p. 102-108, julho de 2020.

Submissão em: 29/04/2020. Aceite em: 13/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil

Organizações e coletivos têm sido vitais no levantamento de dados e na difusão de informações sobre a situação da pandemia nas favelas. Moradores, jornalistas, artistas, entre outros, se unem como porta-vozes das comunidades de dentro para fora e de fora para dentro. Sua atuação abrange a informação sobre o número de casos e óbitos, denúncias de insalubridade e condições de trabalho abusivas, assim como a exposição da precarização da vida dos mais pobres para a sociedade através das suas plataformas digitais. É como tem atuado dois coletivos citados nesse artigo: o Jornal comunitário Voz das Comunidades e o Coletivo de Jornalistas Favela em Pauta, que colaboram na construção do “Painel COVID-19 na favela”, fornecendo boletins *online* e frequentes sobre o avanço da doença nas comunidades. Além disso, se esforçam na difusão de informações de prevenção ao contágio, na conscientização quanto a maior vulnerabilidade das favelas e na divulgação das campanhas de arrecadação para os moradores.

As crises, por mais difíceis que sejam, se tornam momentos bastante frutíferos para o surgimento de alternativas. Os agentes sociais das favelas desempenham, ao longo da sua história, um papel central na luta contra as desigualdades socioespaciais e a política genocida do Estado, produzindo uma capacidade de proteção interna das comunidades. Nesse contexto, se tornam uma frente muito potente contra o avanço da morte dentro dos seus territórios, nos dando verdadeiros exemplos de união, solidariedade e organização que podem servir de fôlego para dar um sentido mais positivo para as transformações profundas que a sociedade está atravessando. Esperamos que rumo a um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VOZ DAS COMUNIDADES. Painel COVID-19 nas favelas. **A VOZ DAS COMUNIDADES**, 2020. Disponível em: <<https://covid.vozdascomunidades.com.br/>>. Acessado em: 24 de abril de 2020.

BRITTO, A. L. O direito à água nas favelas e periferias em tempos de Covid-19. **Observatório Nacional dos Direitos a Água ao Saneamento**, 16 de abril de 2020. Disponível em: <<https://ondasbrasil.org/o-direito-a-agua-nas-favelas-e-periferias-em-tempos-de-covid-19-artigo/>>. Acessado em: 25 de abril de 2020.

FAVELA EM PAUTA. O coronavírus mata, mas a desigualdade social acelera o óbito. **A VOZ DAS COMUNIDADES**, 30 de março de 2020. Disponível em:

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MATOS, Thaís da Silva. COVID-19 nas favelas: desigualdades socioespaciais e as formas de organização comunitária. **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 10, p. 102-108, julho de 2020.

Submissão em: 29/04/2020. Aceite em: 13/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil

<<https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/covid19nasfavelas-o-coronavirus-mata-mas-a-desigualdade-social-acelera-o-obito/>>. Acessado em: 24 de abril de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. **Informação Demográfica e Socioeconômica**, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acessado em: 24 de abril de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma iniciativa do SUS**. 3. ed. Brasília, 2017. 46 p. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf>. Acessado em: 24 de abril de 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. 2018. ed. São Paulo: n. 1, 2003.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE. GT de saúde da população negra: manifestação sobre ausência de dados da COVID-19 desagregados por raça-cor. **SBMFC**, 9 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.sbmfc.org.br/noticias/gt-de-saude-da-populacao-negra-manifestacao-sobre-ausencia-de-dados-da-covid-19-desagregados-por-raca-cor/>>. Acessado em: 25 de abril de 2020.

SPOSITO, M. E. B; GUIMARÃES, R. B. Por que a circulação de pessoas tem peso na difusão da pandemia: difusão da Covid-19 no país segue modelo relacionado a interações espaciais na rede urbana. **Portal UNESP**, 26 de março de 2020. Disponível em: <<https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/35626/por-que-a-circulacao-de-pessoas-tem-peso-na-difusao-da-pandemia>>. Acessado em: 23 de abril de 2020.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MATOS, Thaís da Silva. COVID-19 nas favelas: desigualdades socioespaciais e as formas de organização comunitária. **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 10, p. 102-108, julho de 2020.

Submissão em: 29/04/2020. Aceite em: 13/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil